

NOTA À PRESENTE EDIÇÃO

O livro que segue tem implícito um dos maiores mistérios da Humanidade: o da nossa própria vida se tivéssemos sido outra pessoa. Ao olharmos para o que somos, não podemos acreditar que esta era a única possibilidade que tínhamos. Desde os traumas da primeira infância, que nem recordamos, mas que nos fazem ter claustrofobia, agorafobia, pavor dos ratos ou, no meu caso, nojo da cebola crua; às decepções de amor ou às vitórias desportivas da escola primária; passando pela letra de uma canção; as sugestões de um livro; ou uma máxima que recebemos de um professor universitário; entre tantos, tantos outros exemplos, tudo terá deixado a sua impressão sentimental no conjunto homeopático que nos constitui.

Os ingleses usam uma palavra que não sei traduzir que é *hindsight*, os italianos a expressão *con il senno di poi*, para descrever a sabedoria que todos temos sobre as consequências de um evento, mas só depois de ele ter acontecido (talvez

neste país de tanto futebol, uma expressão adequada seja a do «prognósticos só depois do jogo»). É fácil dizer que com o desembarque de Darwin nas Galápagos o mundo nunca mais seria o mesmo, mas é fácil depois. Alguém no seu perfeito juízo poderia antever que o *Beagle* partia para uma viagem tão fecunda e consequente *antes de ela ter acontecido*?

Fechando o *zoom* sobre mim mesmo, tentei usar um pouco de *hindsight* sobre a vida que tenho levado para — com humor, sem presunção e sobretudo numa escolha pouco hierarquizada — analisar alguns episódios que determinaram outros que por sua vez possibilitaram esta pessoa que escreve e viaja, e não outra qualquer que eu poderia ter sido. Não é uma análise exaustiva nem uma autobiografia ordenada. Apenas explorei os *ses*, as consequências pessoais, de algumas obras, momentos, encruzilhadas e pessoas que confrontei na vida. Que encontrei. Daí o título *Encontros Marcados*, marcados pelo destino para que deles o percurso tenha sido este e não outro.

Ficou no entanto por mencionar neste livro um encontro, subjacente em todos os outros: o de dois jovens liceais numa tarde do final do ano letivo de 1957, que em breve se apaixonaram e que onze anos depois se tornavam pais. Podiam tê-lo sido de qualquer outro eu, calhou ser deste.

GC
junho de 2024



REGINA SACRAMENTI ROSARIUM OP.N.

1.

AS PROFECIAS NOS ENCONTROS

O MUNDO VISTO PELOS AUSTRALIANOS

«Ele é australiano», sentenciou o meu pai, resolvendo assim o mistério que rodeava aquele estrangeiro que vivia no fundo da rua. «Viver» era apenas a palavra mais aproximada para classificar essa situação inédita do seu olhar vagabundo. Na realidade, ele viajava com uma dessas carrinhas *Wolkswagen combi* que a imaginação portuguesa apelidou de «pão-de-forma» — e um canguru colado no vidro de trás deu a pista ao meu pai. «Ele é australiano», foi dito em tom triunfal, o Sherlock que sabe procurar nas hipóteses mais remotas (e que mais remoto existe de Portugal do que a própria Austrália?); o *puzzle* que começa a tomar forma; o chefe de família que vê mais longe. E foi nessa qualidade de chefe de família que o meu pai acrescentou: «Não lhe deem confiança.»

Fizemos precisamente o contrário. O ser humano não nasce programado no receio do Outro. Só com a educação é que somos ensinados a temer a diferença, a suspeitar da minoria

étnica, a desprezar a diversidade cultural, a zombar do aspeto diverso. Somos educados assim, mas felizmente demoramos algum tempo a aprender. «Não fales com estranhos», dizem-te os teus pais mal tu começas a ficar sozinho; mas nessa idade o nosso conceito de «estranho» é ainda muito lato, tudo é «estranho» para um olhar virgem sobre o mundo. Por isso, ou ficas hermético, autista, mimado, ranhoso e chorão a tudo o que é novo na tua pequenina existência; ou ignoras o aviso paterno e decides partir para o contacto. Nós decidimos partir para o contacto.

«*Hello, bife*», gritámos. O australiano estacionava no larguinho sem saída no fundo da rua. Estava, portanto, encurralado. Não podia fugir à nossa curiosidade infantil. Não deve ter percebido. «*Beef?* Será que estes garotos estão com fome e estão a pedir-me alguma carne?», deve ter pensado o australiano. Mas nós éramos da classe média-alta, de um bairro arranjadinho, no centro da cidade, miúdos bem vestidos e bem alimentados. Não podia ser um pedido de esmola, pensou ele.

Tratar um anglo-saxão por «bife» fazia com que nós, crianças, nos sentíssemos mais adultos, mas não sabíamos porquê. Seguíamos apenas uma tendência. Eram os anos sucessivos à revolução de Abril de 1974; uma tomada de consciência esquerdista varria as mentalidades patrióticas, e os Estados Unidos não estavam muito bem-vistos em Portugal. Como sempre acontece, Washington apoiara durante décadas, embora de uma forma velada, o velho regime fascista; portanto, naquela época os americanos estavam marcados como amigos do inimigo: tratar com desprezo tudo o que vinha da América

tinha uma *nuance* valorosa, uma irreverência revolucionária. Este era um sentimento generalizado no país, mas não na minha casa.

O meu pai não partilhava desse desdém, sempre achara a América uma grande terra; achava que Hitler ainda estaria por aí se Roosevelt não tivesse entrado na guerra; até achava mesmo que Reagan realmente acreditava no que dizia. Portanto, o aviso do meu pai de não dar confiança ao estrangeiro louro de olhos azuis, mesmo que não fosse exatamente americano, era também uma forma de respeito para com essa nação americana — o «não deem confiança» também significava «não o incomodem». A nossa terminologia depreciativa — *bife!* — tinha essa dupla ironia: não só não era coisa que nós tivéssemos aprendido em casa, como representava uma dupla desobediência ao aviso do meu pai de não entrar em contacto com o estrangeiro louro de olhos azuis. Entrávamos em contacto, sim, e de uma forma desrespeitosa. «*Hello, bife!*», repetimos. Ele sorriu e chamou-nos, nós aproximámo-nos.



É em Bells Beach, mais concretamente na descida suave pelo meio das colinas ondulantes numa manhã fria mas transparente de inverno austral, que este episódio do australiano regressará à minha memória, muitos anos depois. Viajo também numa *combi*, vidros abertos, apesar do ar cortante, ao longe o mar que traz uma cor profunda e serena, linhas de ondas avançam ordenadas em direção ao *point*, que ainda não

é visível. Mas não é preciso vê-lo para saber como vai estar. Já vi tantas vezes essa fotografia do sol matinal a iluminar com uma tonalidade vagamente dourada a falésia, a maré vazia que deixa entrever filas de rochas pela areia branca, o litoral intacto protegido por uma severa legislação estatal contra o «desenvolvimento» e o «progresso», a estrada que acaba em cima da falésia, voltada para o mar.

O rádio da *combi* sintoniza uma estação de clássicos do *rock*, e a canção que me acompanha nesse fim de estrada é nada menos que «Born to Run», Springsteen a gritar que «*gatinha*, um dia, não sei quando, vamos chegar a esse lugar/onde realmente queremos estar e caminhar ao sol/mas até lá, *baby*, vagabundos como nós fomos feitos para viajar».

Estou quase a chegar. De todas as ondas mecãs de *surf* que desde sempre andam a assombrar a minha sede de mundo, Bells Beach tem essa qualidade de reunir, num equilíbrio raro, civilização e natureza, excesso de gente e respeito na água, mito e acessibilidade, litoral virgem mas humanizado. Bells Beach está para o *surf* como a Route 66 está para a viagem, uma espécie de *mother road*, e tu não te podes considerar um surfista viajante enquanto não tiveres chegado a Bells Beach. É nisto que vou pensando nesses últimos quilómetros: que Bells Beach não é a onda para sentires que encontraste um destino, mas sim para compreenderes que o importante mesmo é viajar. És livre, não te acorrentes a nenhum lugar. Bem-vindo, boa viagem.

E no fundo, esse sentimento de liberdade e desprendimento tem estado comigo desde que aterrei na Austrália.

Neste país de distâncias desmesuradas onde a presença humana é ainda uma concessão da paisagem, onde para te sentires minúsculo e efémero basta conduzires vinte minutos para fora de qualquer cidade e olhares o horizonte de manhã ou o céu de noite, neste país que se encontra no fundo do mundo tu és obrigado a ser confrontado com a ausência de referências. Parece que na Austrália tu desligas e reinicias de novo, fazes *reset*, recomeças do nada.

É isto o que a Austrália te transmite: que chegaste ao fundo do mundo, que chegaste a Bells Beach, que chegaste ao fim da estrada. A tua única hipótese é dar meia-volta, continuar e compreender que o importante não é o destino, é a viagem.



Pedi ao meu pai que me explicasse onde ficava a Austrália. Pegou numa laranja e explicou. Apontou a parte superior, «aqui é onde nós vivemos, a Europa», depois os seus dedos seguiram rodeando a laranja pela metade de cima e mostraram-me onde ficava a América, depois a Ásia. Até aí não tive nenhuma questão. Por fim, apontou o hemisfério de baixo, disse «tudo isto é mar, os três maiores oceanos que se ligam aqui», e o seu dedo traçou uma espécie de paralelo 45. «E a Austrália», concluiu o meu pai, «fica aqui.»

Saí de casa perturbado. Fui espreitar a *combi* pão-de-forma, lá estava o australiano. Teriam passado umas três semanas desde que ele abancara no fundo da rua. O frio do outono parecia não o incomodar, assobiava e preparava um chá, tinha o cabelo

molhado, devia ter acabado de chegar da praia, andava sempre no mar com aquele «barco» a dançar nas ondas. Andava longe de casa, a viver numa carrinha, a apanhar um frio tremendo, quer em terra quer no mar, não tinha mais ninguém para lhe fazer companhia. Parecia uma situação desesperada, mas ele não estava triste. Pelo contrário, estava evidentemente feliz da vida, e agora eu finalmente compreendia porquê.

Regressei a casa. «Pai, já percebi porque o australiano gosta tanto de viajar.» O meu pai já nem se lembrava da conversa da laranja. «É porque ele aqui pode viver normal.» «Como é?», perguntou o meu pai, «não entendi.» Expliquei: «Lá na Austrália eles estão em baixo do mundo, estão a viver com a cabeça para baixo. Só pode ser isso, não achas?» O meu pai sorriu. «Não sei, nunca estive na Austrália. Um dia tens de lá ir, à Austrália, para perceber porque gostam tanto de viajar.»

